



AS TRAJETÓRIAS DOS EGRESSOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO EM AGROPECUÁRIA: RUMO AO TRABALHO OU ENSINO SUPERIOR?

THE PATHS OF INTEGRATED AGRICULTURE HIGH SCHOOL GRADUATES: TOWARDS WORK OR HIGHER EDUCATION?

Danilo José Ferreira*
Tania Regina Raitz**
Alexandre Vanzuita***

*Doutorando em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí. Professor do Instituto Federal Catarinense (IFC) – Campus Camboriú. Pesquisador do grupo de Pesquisa Educação e Trabalho. E-mail: danjosferreira@hotmail.com

**Professora do Programa de Doutorado e Mestrado em Educação da Universidade do Vale do Itajaí. Coordenadora do grupo de Pesquisa Educação e Trabalho. E-mail: raitztania@gmail.com

***Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Vale do Itajaí. Professor do Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú. Pesquisador do grupo de Pesquisa Educação e Trabalho. E-mail: alexandre@ifc-camboriu.edu.br

Recebido para publicação em: 6.4.2016
Aprovado em: 29.8.2016

Resumo

O artigo busca compreender a trajetória acadêmica e de trabalho de jovens egressos do Ensino Técnico em Agropecuária do IFC, por meio de abordagem qualitativa. Utilizou-se de pesquisa bibliográfica, questionário e entrevista individual com 24 ex-alunos. Os pressupostos teórico-metodológicos desenvolvidos estão fundamentados na categoria trabalho (perspectiva ontológica) e juventude como diversidade. Os resultados demonstram que essa oferta de ensino profissional está servindo mais como passagem para a realização de outros cursos não associados à área do que direcionando para o trabalho agropecuário.

Palavras-chave: Ensino técnico. Transição acadêmica e laboral. Jovens egressos. Curso agropecuário.

Abstract

This article seeks to understand the academic and career paths taken by young IFC Vocational Education in Agriculture graduates, using a qualitative approach. The study used bibliographical research, a questionnaire, and individual interviews with 24 former students. The theoretical and methodological assumptions were developed based on the working category (ontological perspective) and youth as diversity. The results show that this vocational education is serving as a stepping stone to other courses not associated with the area more than it is leading graduates into agricultural careers.

Keywords: Vocational education. Academic to working transition. Young graduates. Agricultural course.

Resumen

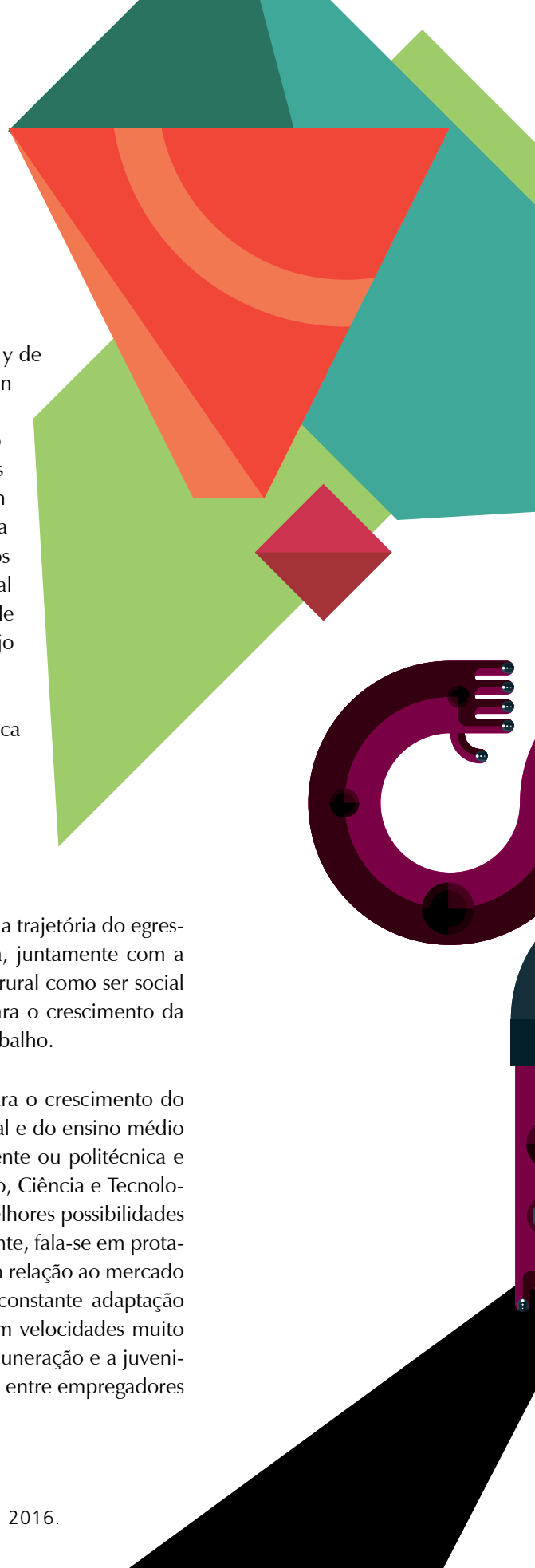
El artículo busca comprender la trayectoria académica y de trabajo de jóvenes graduados de Educación Técnica en Agropecuaria del IFC, a través del abordaje cualitativo. Se utilizó la investigación bibliográfica, cuestionario y entrevista individual con 24 exalumnos. Los presupuestos teórico-metodológicos desarrollados están fundamentados en la categoría trabajo (perspectiva ontológica) y juventud como diversidad. Los resultados demuestran que esa oferta de educación profesional está sirviendo más como pasaje para la realización de otros cursos no asociados al área que dirigidos al trabajo agropecuario.

Palabras clave: Educación técnica. Transición académica y laboral. Jóvenes graduados. Curso agropecuario.

Introdução

A temática abordada neste artigo está relacionada com a trajetória do egresso do ensino técnico agropecuário em Santa Catarina, juntamente com a concepção do desenvolvimento do aluno-trabalhador rural como ser social capaz de tomar suas próprias decisões e contribuir para o crescimento da sociedade e do setor agropecuário por meio de seu trabalho.

O Ensino Técnico Profissionalizante é fundamental para o crescimento do Brasil e, por meio dos desafios da educação profissional e do ensino médio – ao ter como objetivo aplicar uma educação polivalente ou politécnica e tecnológica – nos atuais Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, busca-se para os jovens uma melhor inserção e melhores possibilidades de obter uma vaga em seu primeiro emprego. Atualmente, fala-se em protagonismo juvenil, porém, as expectativas dos jovens com relação ao mercado de trabalho ainda não são atendidas em virtude da constante adaptação necessária a esse mercado que promove mudanças em velocidades muito mais rápidas que as instituições de ensino; a baixa remuneração e a juventude dos formandos cria uma barreira a ser transposta entre empregadores e aspirantes do primeiro emprego.



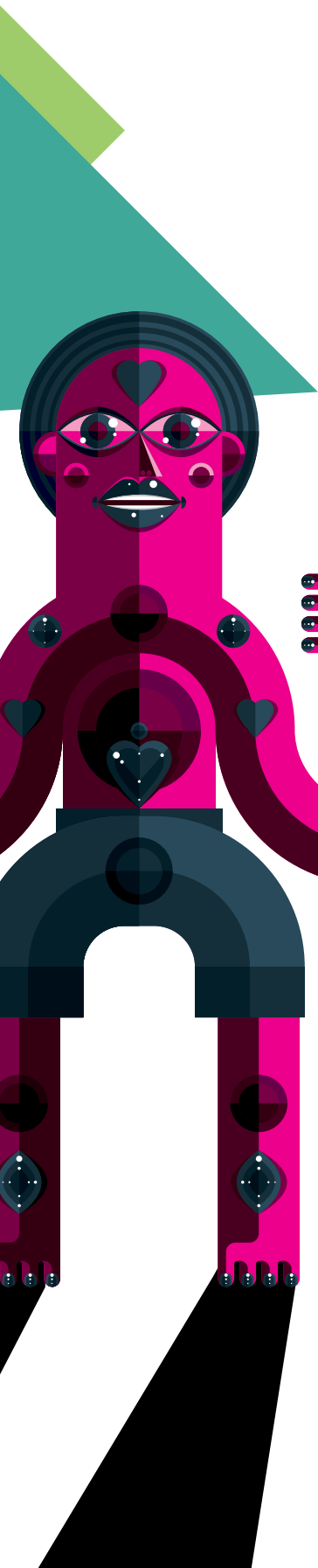
De acordo com Kuenzer (2001), é necessário constituir uma proposta do ponto de vista dos que vivem do trabalho. Portanto, devem-se formular políticas e definir estratégias a partir das especificidades da escola, que deve estar comprometida com os trabalhadores e com os jovens mais excluídos. Ao apossar-se do conceito de trabalho como práxis do ser humano, este trabalho aproxima-se conceitualmente dos pensamentos de Lukács (1984), para quem o homem “indivíduo” desenvolve um conjunto de ações para transformar a natureza, a sociedade e a si próprio, no intuito de produzir as condições próprias para sua existência.

Para Kuenzer (2000) é a compreensão dessa concepção que deve orientar o modo de ver do ensino médio para os que vivem do trabalho, de modo a assumir a necessidade da formação de um trabalhador de novo tipo, ao mesmo tempo capaz de ser político e produtivo, atuando intelectualmente e pensando praticamente, um trabalhador crítico, criativo, autônomo intelectual e eticamente capaz de acompanhar as mudanças e educar-se permanentemente.

Neste artigo, desenvolvem-se reflexões e análise de um recorte de uma tese de doutorado em que se buscou compreender a trajetória acadêmica e de trabalho de jovens egressos do Ensino Técnico em Agropecuária do IFC. O enfoque foi qualitativo, utilizando pesquisa bibliográfica, questionário e entrevista individual com 24 (vinte e quatro) dos 58 (cinquenta e oito) alunos que finalizaram o curso. Os pressupostos teóricos para a realização do trabalho estão fundamentados nos estudos de Sposito (2001); Ozella (2002); Novaes (2004); Raitz (2003), Abramo (1997); Nakano (1995); Carrano (2000); Pinho et al. (2015); Figueira, Raitz, Ordoñez (2013); Ameida, Soares, Ferreira (2002); Ordoñez (2015); entre outros.

Como se apresenta a trajetória acadêmica e laboral dos jovens egressos do Ensino Técnico em Agropecuária do IFC se constitui o problema norteador da tese, especificamente no que se refere a dois eixos estruturantes principais: a) Identificação das escolhas profissionais dos egressos (as expectativas em relação à área de atuação e o mercado de trabalho) e b) A trajetória dos egressos que continuaram na área, os que desistiram e os que estão trabalhando, mas não continuaram os estudos.

O estudo confirma a tese de que o Curso Técnico em Agropecuária não está atingindo seus objetivos na formação para o trabalho no ramo específico da Agropecuária, mas está servindo como passagem para a realização de outros



cursos que não estão associados à área. Nem sempre a trajetória dos egressos expressa continuidade na área de atuação; há uma bifurcação nesse percurso que altera as escolhas feitas anteriormente devido a inúmeros fatores.

Uma abordagem da categoria trabalho na perspectiva ontológica


Resgata-se o pensamento epistemológico de Lukács (1984), que parte de premissas teóricas baseadas em Marx e Engels. Para Lukács (1984), o trabalho é a categoria gênese do ser social, e para esclarecer essa especificidade, apresenta, a partir de uma visão crítica, outras três categorias – linguagem, sociabilidade e divisão do trabalho, que são indivisíveis e requerem a constituição plena do ser social. Do ponto de vista marxista, o homem é um ser social porque sua ontologia é o trabalho. Portanto, para sobreviver, o ser humano precisa produzir algo, “na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau de determinado desenvolvimento de suas forças produtivas materiais” (MARX, 2008, p. 47). Engels complementa dizendo que o trabalho “é a condição fundamental de toda a vida humana; e o é num grau tão elevado que, num certo sentido, pode-se dizer: o trabalho, por si mesmo, criou o homem” (ENGELS, 1979, p. 215).

Nesse contexto, é relevante mencionar que a valorização do trabalho no sentido ontológico passou a ser importante para o humano primitivo no momento em que ele, por meio do uso das mãos, passou a fazer artefatos e o seu uso fazia sentido na condição de diminuir os esforços, além de ter a possibilidade de replicação, de produzir e reproduzir o mesmo artefato. O que o diferencia de espécies ditas como inferiores com relação ao homem é a capacidade de pensar (elaborar mentalmente a construção do artefato e o seu uso) para, posteriormente, colocar em prática. Dessa forma, Marx (2006, p. 84) explica: “A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital do animal”. Já para Lukács (1984, p. 4) “[...] a essência do trabalho humano está no fato de que, em primeiro lugar, ele nasce em meio à luta pela existência e, em segundo lugar, todos os seus estádios são produtos da auto atividade do homem”. A elaboração mental de uma atividade implica uma finalidade que, em nível consciente, estabelece um fim e dá início a um processo real.

Assim, o trabalho, na filosofia de Lukács (1984), é a possibilidade contida no conhecimento necessário que permite ao homem, por meio da sua autonomia e livre arbítrio, a escolha das alternativas

• • • • •
**A elaboração
 mental de
 uma atividade
 implica uma
 finalidade
 que, em nível
 consciente,
 estabelece um
 fim e dá início a
 um processo real**

• • • • •



que estão dispostas na natureza e na vida social; é o que torna possível transformar a realidade e conduzir o ser às formas cada vez mais elevadas (SEMEGHINI, 2000). O trabalho, nessa perspectiva, é o ponto que permite reconhecer o homem por intermédio da sua relação “crítico-prática” como ser capaz de intervir na natureza e no mundo. Para Lukács (1984), o homem, ao buscar os meios para realizar seus objetivos, necessita do conhecimento efetivo do sistema causal dos objetos e processos, de modo a assegurar o empenho de alcançar o fim. Nesse sentido, a soma das condições, natureza e trabalho, os meios e a conquista do fim chegam dessa maneira no processo do trabalho e, por fim, no produto do trabalho.

Para Ciavatta (1990), o trabalho como princípio educativo remete à relação entre trabalho e educação. Essa relação afirma o caráter formativo do trabalho e da educação como ação humanizadora, por meio do desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano. De acordo com a autora, no início do século 20, já existia a experiência socialista introduzindo a educação politécnica que objetivava a formação humana em todos os seus aspectos: físico, mental, intelectual, prático, laboral, estético, político, combinando estudo e trabalho.

No mesmo caminho, Marx e Engels (1998) reforçam a necessidade de uma educação para os jovens pautada na combinação de três pressupostos: Educação Mental, Educação Corporal e Educação Tecnológica, esta compreendida por meio dos princípios gerais e científicos de todos os processos de produção, iniciando os adolescentes nos processos elementares de todos os ramos industriais. A partir desse pensamento, o objetivo não era formar um homem capacitado a desempenhar diversas tarefas, que contribuíssem com o desenvolvimento da grande indústria e que, ao ser desligado da sua função, pudesse se empregar em outra indústria mais facilmente, mas sim que pudesse ter conhecimentos tecnológicos sobre todo o processo produtivo, ampliando sobremaneira as possibilidades de sua atuação no mercado de trabalho.

Todo trabalho humano envolve a concomitância do exercício dos membros, das mãos, e do exercício mental, intelectual; do pensamento teleológico. Isso está na própria origem do entendimento da realidade humana como constituída pelo trabalho. A escola se constitui na ferramenta mais apropriada para unir o homem aos elementos instrumentais e para inseri-lo efetivamente na sua própria sociedade.

Nessa perspectiva, deve-se estabelecer a relação com os princípios ideológicos debatidos por Lukács (1984) na execução do teleológico com a práxis do aluno do curso técnico. Por meio dessa ótica, é dada ao aluno formado em cursos técnicos a possibilidade de atuar no mercado de trabalho com a capacidade de uma forma mais crítica, em uma práxis desenvolvida com conhecimento das melhores escolhas.

A respeito da questão técnica, da ciência e da tecnologia, Ciavatta (2006) propõe uma reflexão por meio da relação existente entre o trabalho e a educação e elenca três exigências nos processos educacionais: a primeira atinge o patamar da ciência e a tecnologia, que proporcionam ao homem conhecer, experimentar e manipular coisas jamais pensadas por gerações anteriores. A segunda se remete a questões éticas na relação do homem com a natureza, provocando gradativamente uma relação de animosidade entre os dois e influenciando diretamente na questão da sobrevivência humana. A terceira das exigências é enfocada na formação educacional de crianças, adolescentes e jovens que necessitam dominar os conhecimentos de tecnologia, ciências e socialização objetivando as relações sociais com o planeta e a humanidade.

Com base nessas reflexões, provoca-se uma aproximação do ambiente da produção, da ciência e da tecnologia com a formação de um aluno habilitado ao trabalho complexo; por outro lado, provoca-se também o desafio da separação que ocorreu historicamente entre os processos de formação do ensino médio propedêutico e o de formação de ensino técnico. Essa situação ainda é presente, mesmo com todas as mudanças ocorridas ao longo da história do país, barreira que deve ser transposta pelos que cursam o ensino técnico para galgarem postos de trabalho que exijam o “pensar, delegar” mais do que o “executar”. Para Ferretti (1997), a insuficiência da qualidade do ensino médio é demonstrada no documento da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) como obstáculo para as novas perspectivas de capacitação. Para a qualificação do “novo” trabalhador, por meio da educação profissional, a formação geral básica é fundamental na articulação de diferentes formas e graus. A avaliação do ensino médio, seja ele de caráter acadêmico, seja técnico, é negativa sob o ponto de vista da sua contribuição para o ingresso de jovens para o mercado de trabalho. Diante desse contexto apresentado, este artigo lança agora a questão norteadora: como se apresenta a trajetória dos egressos do Ensino Técnico Agropecuário na relação que se estabelece entre educação e trabalho?

A juventude em uma perspectiva sociocultural

O conceito de juventude se apresenta com um posicionamento teórico que considera as construções sociais em torno dos jovens para além das fronteiras das definições etárias. É frequentemente mais utilizado no campo das políticas públicas, tema que norteia todos os assuntos ligados ao ensino médio propedêutico e ao ensino técnico.

Para Sposito (2001), o reconhecimento da definição do termo juventude põe fim a um problema sociológico no qual os critérios que constituem essa



juventude são históricos e culturais. Por meio da literatura, observamos que muitas foram as mudanças que ocorreram ao longo do século 20 e início do século 21, que trouxeram as questões mais relevantes quanto às definições sobre juventude e os contextos atuais vivenciado pelos jovens, especialmente no que se refere à educação, trabalho, ensino médio integrado, ensino superior, inserção profissional e expectativas quanto à escolha da área de atuação.

A juventude é compreendida por Ozella (2002) como um período de latência social gerada por várias situações relacionadas ao ingresso no mercado de trabalho, prolongamento do tempo de permanência do aluno na escola, da necessidade do preparo técnico e da necessidade de justificar o distanciamento do trabalho de um determinado grupo social.

A juventude é considerada por vários autores como a fase da vida em que mais afloram sentimentos opostos. Para Novaes (2004), a juventude é a convivência contínua entre a subordinação à família, à sociedade e, ao mesmo tempo, a expectativa da emancipação. É vista como uma fase em que os indivíduos se preparam para se inserirem nos diferentes extratos da vida social, tais como: criar sua própria família, inserir-se no mundo do trabalho e ser um cidadão conhecendo os seus direitos e deveres. Para Raitz (2003), o reconhecimento da juventude constitui um fenômeno relativamente novo, ressurgindo com mais intensidade na década de 1990, depois de certo período de silêncio.

Considerando o desenvolvimento dos ciclos de vida e as condições sociais brasileiras, Sposito (1997) considera a faixa etária de 15 a 24 anos o conjunto de pessoas classificadas como jovens, de acordo com as orientações de trabalhos na área demográfica. A crescente valorização dessa fase da vida e de suas potencialidades é estudada por vários autores, tais como Sposito (1994, 1997, 2000, 2001); Abramo (1997); Nakano (1995); Carrano (2000); Raitz (2003), entre outros.

Para Giovinazzo Júnior (2000), o desenvolvimento ou florescimento da autonomia continua sendo impedido pelas regras sociais às quais os jovens são submetidos por entre as imposições, castrações e restrições. Para Raitz (2003), em muitas sociedades ainda existem os obstáculos sociais, que, por causa do prisma econômico e/ou cultural, acabam por se tornar intransponíveis, impedindo uma formação mais completa dos indivíduos e das novas gerações.

No campo da educação, os desafios encontrados estão ligados ao distanciamento entre a fala do educador e a maneira como esse jovem recebe e interpreta essa informação. Para Carrano (2000), é descrito como sendo os “vistos” e “passaportes” necessários para ocorrer o diálogo ou mesmo o compartilhamento dos sentidos

culturais da juventude. Os jovens na sociedade atual sentem-se mais libertos para poder fazer suas próprias escolhas, não ficando engessados aos destinos familiares determinados de acordo com os modelos de sociedades antigas. Esse sentido de fluidez e abertura se estende em todas as áreas das suas vidas. Para Carrano (2005), o que torna a aprendizagem humana única não é a realidade sendo mostrada de forma direta, e sim os inter-relacionamentos, as trocas de experiências, as emoções despertadas, o espaço e o tempo entre os sujeitos culturais.

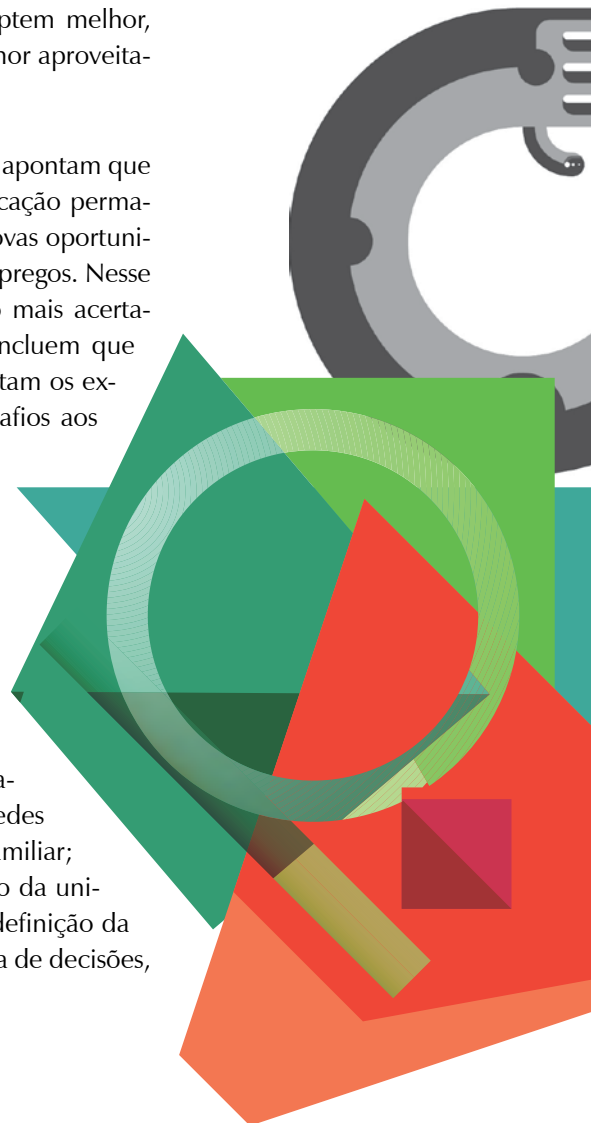
Processo de transição entre ensino médio, superior e mercado de trabalho

A saída do ensino médio para o chamado mundo universitário é marcada por muita complexidade para os jovens que estão experimentando esse momento de adaptação à nova situação vivenciada, além de questões de nível pessoal. Para Pinho et al. (2015), essa soma de complexidades, conflitos e barreiras deve ser transposta para que os indivíduos se adaptem melhor, possam garantir o seu desenvolvimento pessoal e obter o melhor aproveitamento na sua formação acadêmica.

As informações levantadas por Figuera; Raitz; Ordoñez (2013) apontam que os brasileiros reconhecem a valorização que o país dá à educação permanente como forma de obter o emprego, possibilitando-lhes novas oportunidades de maior status, promoções ou estabilidade em seus empregos. Nesse sentido, a educação continuada e permanente é o caminho mais acertado para se manter no mercado de trabalho. Os autores concluem que as constantes transformações dentro do contexto mundial afetam os extratos familiares, educativos e laborais, instituindo novos desafios aos estudantes para enfrentar as situações distintas de mudanças no ambiente laboral, consideradas por eles como elemento fundamental para o seu progresso.

Ao analisar o processo de transição do ensino médio para a universidade, Ordoñez (2015) pontua que a transição é um processo complexo resultado da incidência de fatores pessoais e contextuais que se entrelaçam. Para Pinho et al. (2015), esses jovens atravessam momentos de conflitos gerados pela sua adaptação, obrigando-lhes a desenvolver vários tipos de habilidades: em um primeiro momento, apegando-se a suas redes externas, tais como suas amigas mais antigas e o ambiente familiar; em outro momento, à própria adaptação ao ambiente interno da universidade com o seu entrelaçamento de relações sociais e a definição da sua vocação profissional. Dessa forma, pode-se evitar a tomada de decisões, como o abandono do curso, por exemplo.

• • • • •
**O que torna a
 aprendizagem
 humana
 única não é a
 realidade sendo
 mostrada de
 forma direta,
 e sim os inter-
 relacionamentos**
 • • • • •



No sistema universitário, ao se privilegiar as disciplinas que emolduram, habilitam e qualificam o aluno para atuar de acordo com as exigências do mercado, deixa-se as disciplinas reflexivas e críticas para segundo plano e se dirige a uma consciência coletiva que se retroalimenta entre professores e alunos, o que provoca o desejo de uma educação que não os faça perder tempo com “bobagens teóricas, culturais e reflexivas” e que se restrinja a prepará-los de forma objetiva para servir ao sistema (GOERGEN, 1996).

Antigamente, a educação tinha o objetivo da busca do ser social emancipado e, agora, o estudante não se sente responsável por ser parte integrante de um progresso social na perspectiva da sua emancipação, e sim no preenchimento de uma função que seja lucrativa para ele e para o sistema. Segundo Goergen (1996), para esses jovens não importa o sistema, sua estrutura, sua direção ou sua relação com a liberdade. O que está em jogo agora é que o sistema lhe remunera pela sua contribuição em buscar o seu melhor funcionamento.

Um reconhecimento importante é apontado por Almeida; Soares; Ferreira (2002), quando indica um número crescente de jovens que buscam o ensino superior porque acreditam que o ensino superior certifica e valida uma vida profissional mais segura e promissora. Os autores destacam que, após a conclusão dos estudos secundários, os jovens têm tido dificuldades em sua inserção no mercado laboral. Esse cenário induz a entrarem no ensino superior, instituindo a condição para o insucesso, falta de adaptação, insatisfação com o seu curso e conseqüente abandono.

A contínua exigência do mercado por uma formação contínua qualificada/especializada promove no ambiente universitário a formação técnica com o escopo de satisfazer as demandas da economia e do mercado de trabalho, o que faz, segundo Von Zuben (1995), a aspiração de busca pelo conhecimento e formação humana uma preocupação secundária.

Conforme Figuera; Raitz; Ordoñez (2013), o trabalho está relacionado diretamente às questões de sobrevivência, porém as relações estabelecidas pelos jovens estudantes produzem sentidos que se cruzam e se diversificam dificultando o nível de compreensão de seus projetos pessoais. Partindo-se da categoria trabalho, os autores explicam que a condição de um ser social torna-o capaz de contribuir para as necessidades da sociedade e revela a necessidade de uma formação emancipatória.

A psicologia das carreiras e da orientação profissional é vista por Ordoñez (2015) como aspecto importante na fase de escolha da vida profissional do jovem e é determinante na escolha de um emprego que seja satisfatório, dando-lhe condições de mantê-lo. A decisão profissional é vista pelo autor como uma das fases mais importantes da vida, um período de transição



significativo para os jovens, por estar indissolúvelmente atrelada à sua inserção futura no mercado de trabalho e à sua satisfação profissional.

Metodologia do estudo: coleta de dados, tratamento e análise de conteúdo

Observação, experiência, expressões verbais e argumentativas dos egressos do curso Técnico em Agropecuária são procedimentos metodológicos discutidos neste artigo e buscam, por meio dos constructos teóricos, determinar o significado ou a significância do que está sendo observado na vida desses egressos.

Analisar a trajetória de egressos do ensino Técnico em Agropecuária até a inserção no mercado de trabalho ou entrada na universidade é o que esta investigação se propõe a fazer por intermédio de uma pesquisa explicativa que visa identificar suas expectativas em relação à vida profissional e ao mercado de trabalho.

A investigação deu-se em uma escola técnica, aqui intitulada como Colégio Agrícola Alfa, situado no estado de Santa Catarina, Brasil. A escolha ocorreu em virtude de o pesquisador ter atuado por sete anos na instituição como docente. Trata-se de uma escola federal com mais de 60 anos e que oferece o ensino médio integrado ao Técnico em Agropecuária.

A pesquisa em sua abordagem é de caráter quantitativo e qualitativo. Dessa forma, as técnicas para coleta de dados utilizada foram: pesquisa bibliográfica, questionário e entrevista. A coleta de dados foi feita em questionários, com 18 perguntas fechadas e 10 abertas. A amostra selecionada foi de 58 egressos do ensino técnico agropecuário da escola Alfa do ano de 2013. Dos 58 (100%) egressos contatados, 24 (41,37%) se disponibilizaram a responder ao pesquisador. A aplicação dos questionários se estendeu pelo período de maio a julho de 2015.

Após a apuração das informações obtidas nos questionários, estes foram tabulados, sistematizados e organizados utilizando o software SPSS. A investigação se debruçou posteriormente nas entrevistas individuais com o objetivo de expandir as informações coletadas nos questionários. Dessa forma, foram criadas três categorias para seleção dos egressos que participariam das entrevistas: a 1ª categoria representada por egressos que cursavam uma faculdade de outra área de formação que não a Agropecuária; a 2ª representada pelos egressos que estavam cursando a faculdade dentro do



campo da Agropecuária; e a 3ª categoria representada pelos egressos que apenas estavam trabalhando. Dos 24 egressos que responderam os questionários, foram selecionados três para cada categoria listada acima.

A análise de conteúdo foi realizada a partir dos seguintes eixos: I) Identificação das escolhas profissionais dos egressos, as expectativas em relação à área de atuação e ao mercado de trabalho e a relação dos projetos futuros; e II) A trajetória dos egressos que continuaram na área, os que desistiram da área do ensino técnico e aqueles que estão trabalhando, mas não continuaram seus estudos.

Perfil dos jovens egressos do ensino técnico

Com relação ao grupo pesquisado, notou-se que 54,2% dos entrevistados pertencem ao sexo feminino, estando assim esses dados em concordância com Guerra e Bonfim (2006), que apontam para a presença feminina em setores ligados ao agrogêncio. As autoras relatam que as competências adquiridas no curso técnico auxiliam o desempenho de suas atividades como vendedoras no comércio de máquinas e implementos agrícolas, insumos, fertilizantes, assistentes de escritórios de empresas de planejamento e assistência técnica rural etc.

Ao avaliar a situação de ocupação de postos de trabalho pelos egressos do curso, 54,2% dos avaliados estavam desenvolvendo algum trabalho no mercado, independentemente da condição de ser um emprego formal ou informal. Nessa pergunta, tinha-se o objetivo de identificar a presença de alternativas no mercado de trabalho, visto que Almeida; Soares; Ferreira (2002) indicam um número crescente de jovens que buscam o ensino superior em detrimento da ausência de alternativas e os forçam a seguir seus estudos em um curso superior na busca de uma colocação melhor, que lhes possibilite a sua emancipação.

Para se aprofundar nas escolhas feitas por esses jovens quanto à sua condição de contratação ou remuneração, depara-se com a situação de que 79% dos egressos não se manifestaram e dos 21% (total de cinco egressos) que responderam, 1 (um) estava contratado, exercendo suas atividades regularmente, 1 (um) trabalhando ajudando a sua família em seus negócios agropecuários, 2 (dois) trabalhando formalmente com carteira assinada e 1 (um) trabalhando sem carteira assinada. A constatação desse fato reforça

os achados de Almeida; Soares; Ferreira (2002): apesar de em um primeiro momento ter sido encontrada mais da metade dos egressos avaliados na condição de estar trabalhando, ao se aprofundar nessas informações, verifica-se que a maioria dos avaliados se absteve de responder a pergunta que fazia menção à sua condição de trabalho. Para os que responderam, apenas 2 (dois) jovens estavam trabalhando formalmente com carteira assinada, correspondendo a 8,3% do total dos egressos avaliados no questionário.

Apesar de o agronegócio ser um dos setores que mais cresce no Brasil, contribuindo decisivamente para a elevação do superávit comercial e do seu desempenho, que elevou também as expectativas com relação ao campo de trabalho e à imagem construída pelas pessoas sobre a agricultura, conforme afirma Guerra e Bonfim (2006), ao avaliar-se o local de trabalho onde esses jovens estavam desempenhando suas funções, verifica-se que 1 (um) estava trabalhando em uma farmácia de manipulação de medicamentos veterinários exercendo a função de caixa e 1 (um) trabalhando como segurança em uma empresa de segurança privada durante o turno noturno e, nos fins de semana, ajuda sua família em uma propriedade rural produtora de leite. Os outros jovens analisados não puderam ser representados nessa categoria de trabalho, porque se colocaram como bolsistas da faculdade que estão cursando.

Os 2 (dois) jovens que estavam empregados com carteira assinada, quando perguntados se estavam trabalhando em suas áreas de formação, responderam afirmativamente, por sentirem que tinham alguma conexão ainda com a área do curso Técnico em Agropecuária – isso mesmo que um estivesse trabalhando como operador de caixa de uma farmácia de manipulação de medicamentos veterinários e o outro mantivesse contato com a área agropecuária apenas nos finais de semana, quando estava no período de descanso do seu emprego formal como segurança de uma empresa de segurança privada.

Para Pais (2005), a chamada “luta pela vida” é vista como um processo de adaptação que o jovem acaba passando em uma vivência precária do emprego e do trabalho na busca da sua autonomia. Já para Mafra e Cavalcanti (1992), os grupos de egressos que trabalham e estudam pertencem, em geral, a camadas e classes menos privilegiadas da sociedade e já quando jovens adquirem hábitos e práticas do trabalho remunerado como meio de subsistência pessoal e familiar. Esses jovens com formação para o trabalho consideram suas experiências laborais como fundamentais e preponderantes sobre o trabalho intelectual.

Os dados do Dieese (BOLETIM..., 2009) apontam que o comércio sempre foi considerado como porta de entrada para o mercado de trabalho, respondendo como um dos principais setores econômicos no sentido de



absorção da população jovem brasileira. Em 2008, do total de ocupados nesse setor, 25% tinham entre 16 e 24 anos de idade e respondiam por uma ocupação, segundo dados do Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). Essas informações são frutos do convênio Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos/Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados/Ministério do Trabalho e Emprego/Fundo de Amparo ao Trabalhador (Dieese/Seade/MTE – FAT) no Distrito Federal e nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo.

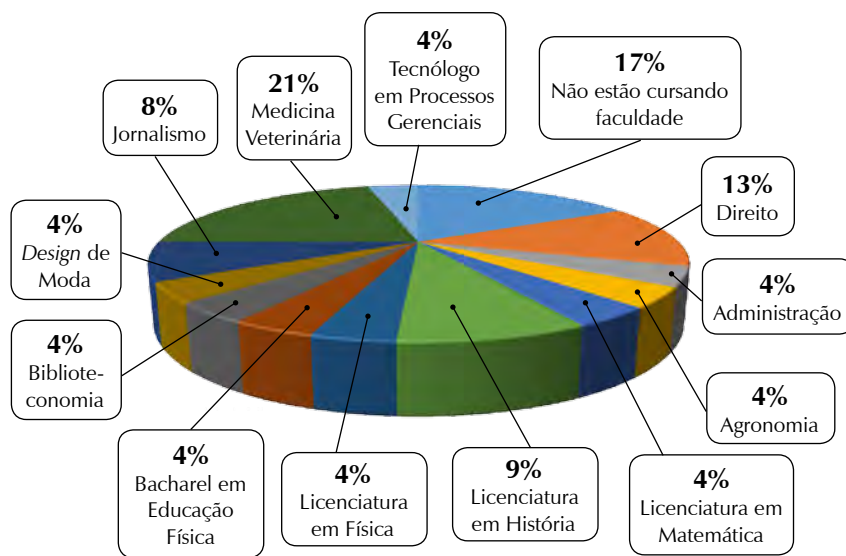
As adaptações e modificações no mercado de trabalho vêm, nos últimos anos, promovendo a seleção dos mais qualificados. Os dados do Dieese (2011) mostram as trajetórias de crescimento do número de pessoas com maior escolaridade, bem como a redução do total das menos escolarizadas no decênio 1998-2008. Essa análise demonstra que o mercado de trabalho vem fazendo exigências cada vez maiores quanto à qualificação e exclusão de indivíduos de menor escolaridade entre aqueles economicamente ativos, já a participação no mercado de trabalho dessa população menos instruída tem registrado taxas cada vez mais declinantes.

• • • • •
O mercado de trabalho vem fazendo exigências cada vez maiores quanto à qualificação
 • • • • •

Ao se verificar se os egressos avaliados estão frequentando um curso superior na busca de uma continuidade de sua formação e com interesse na sua qualificação para a futura inserção no mercado de trabalho, 70,8% dos pesquisados estavam cursando uma faculdade. Isso demonstra que a realidade apontada nos estudos do Dieese (2011) faz parte de um pensamento coletivo, ou seja, a qualificação promove um aumento das chances de inserção no mercado de trabalho.

Da mesma forma que se objetivou saber o quanto esses egressos avaliados estavam com o pensamento voltado para uma educação continuada, no propósito de uma melhor qualificação e futura inserção no mercado de trabalho, procurou-se saber quais eram os cursos de ensino superior em que estavam matriculados. Apenas 6 (seis) egressos, correspondendo a 25% de todos os egressos avaliados, estavam cursando faculdade dentro da sua área de formação, 5 (cinco) em Medicina Veterinária e 1 (um) em Agronomia. Os demais egressos estavam matriculados em outras áreas, tais como: Direito, Design de Moda, Administração, Licenciatura em Matemática, Educação Física, Biblioteconomia, Gestão da Informação, Jornalismo, Licenciatura em História, Licenciatura em Ciências da Natureza com Habilitação em Física, Tecnólogo em Processos Gerenciais. Isso demonstra uma dispersão em relação à área de formação no ensino técnico, como se vê no Gráfico 1.

Gráfico 1- Faculdades cursadas pelos egressos




Fonte: Elaborado pelos autores.

A busca da identificação dos egressos com suas escolhas profissionais (Eixo I) intencionou explicar sobre as expectativas que eles têm da sua área de atuação e o mercado de trabalho, além de identificar seus projetos futuros. Quanto à escolha feita por esses alunos, na pesquisa observou-se que alguns não continuaram na área, pois não se identificaram, ao mesmo tempo em que mencionaram que existe pouca oferta de emprego. No depoimento a seguir, um aluno expõe como foi sua escolha:

[...] de ter facilidade com a área de Agropecuária, principalmente se tratando dos animais, não era a profissão que eu desejava. Hoje, eu curso Design de Moda e é um mercado bastante concorrido, mas que possui lacunas que acho que podem ser preenchidas [...] (Entrevistado 1).

Esse problema apontado pelo egresso é visto por Pinho et al. (2015) como uma barreira a ser transposta pelas instituições de ensino, para que os indivíduos se adaptem melhor e possam garantir o seu desenvolvimento pessoal e obter o melhor aproveitamento na sua formação. Esses jovens atravessam momentos de conflitos gerados pela sua adaptação, obrigando-lhes a desenvolver vários tipos de habilidades, apegando-se, em um primeiro momento, ao ambiente familiar de se deixar influenciar, permanecendo muitas vezes em um curso que não era o seu objetivo profissional.

De acordo com Sposito (2014), os alunos devem se sentir incluídos dentro do processo educacional, o que lhes possibilita realizar de forma mais fácil relações necessárias para a sua inserção posterior no mercado de trabalho.



Ao permanecer em um curso que não seja sua primeira opção vocacional, promove-se no aluno a falta de interesse em buscar entender todas as oportunidades ou potencialidades oferecidas pelos segmentos ligados ao curso. Conforme Almeida; Soares; Ferreira (2002), a colocação dos alunos em cursos que não sejam a sua primeira opção vocacional valida a condição apropriada para o aluno perder o interesse ou investir em sua carreira.

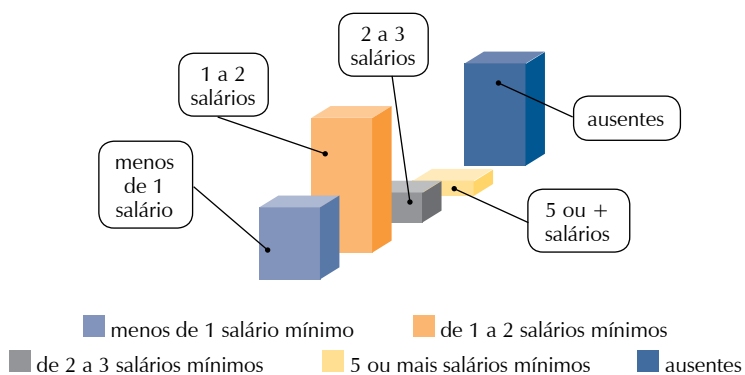
A declaração de outro egresso (Entrevistado 2) reforça a falta de identificação com a área do curso; a afirmação de que existe pouca oferta de emprego na sua região fortalece e avaliza, para o seu núcleo familiar, amizades mais antigas e, para si próprio, a necessidade da mudança de área, conforme depoimento: “É que eu não possuía identificação com essa área e existe pouca oferta de emprego na minha região”. A afirmação da falta de identificação com a área reforça as colocações de Almeida; Soares; Ferreira (2002), criando um ambiente de falta de expectativa e desinteresse em buscar alternativas de trabalho dentro da área ou ter mais atenção sobre o mercado de trabalho da área.

Apesar de manter a questão do trabalho dentro de uma posição importante na vida do jovem, a fase econômica, política e social que o país está vivendo tem feito com que o trabalho seja menos valorizado em detrimento da remuneração e a segurança econômica, e acaba por deixar muitas vezes de lado o seu perfil vocacional, o que provoca uma redefinição sobre a iniciação para o mundo do trabalho.

O Entrevistado 2 mostra que sua escolha foi feita em uma área diferente da Agropecuária e tem um objetivo dirigido em busca de um salário e o alcance de uma situação financeira de conforto: “Eu estudo Direito, estou buscando estabilidade e um salário que me possibilite conforto”.

A remuneração dos egressos foi pesquisada para buscar um comparativo com o piso salarial de um Técnico em Agropecuária, que é fixado em, no mínimo, um valor equivalente a 60% (sessenta por cento) da remuneração de profissionais diplomados em Engenharia, Química, Arquitetura, Agronomia e Veterinária. A faixa de salário do Técnico em Agropecuária encontra-se próxima dos 6 (seis) salários mínimos e a dos egressos pesquisados está, em 66% dos pesquisados, em menos de 2 (dois) salários mínimos, muito abaixo do esperado para o Técnico em Agropecuária.

Gráfico 2 - Remuneração dos egressos



Esses achados demonstram que o egresso, ao optar por permanecer nos centros urbanos e frequentar outros cursos de graduação, como já demonstrado no Gráfico 1, além de deixar de desenvolver o seu trabalho de acordo com suas habilidades e competências para o qual foi formado, ainda se sujeita a trabalhar em empresas que não exigem nenhuma qualificação e, portanto, remuneram seus funcionários com valores muito menores do que eles poderiam receber se estivessem trabalhando como Técnicos.

O egresso, ao deixar de se informar sobre as oportunidades de emprego dentro da área agropecuária, acaba aceitando condições inferiores de trabalho e remuneração.

As entrevistas dos egressos que estão cursando a faculdade dentro da área da sua formação como Técnico em Agropecuária, bem como a fala de entrevistados que estão inseridos no mercado de trabalho, que buscaram sua vaga dentro do comércio da cidade onde residem, são tratadas no Eixo II. O depoimento a seguir demonstra a satisfação do entrevistado em estar com um projeto de vida estabelecido, o que se traduz em segurança e autoconfiança para desempenhar seu trabalho como médico veterinário quando acabar a graduação:

[...] como estudante de Medicina Veterinária, eu consigo perceber as dimensões de atuação do profissional veterinário e de tantas áreas de atuação que o curso tem. Já me identifico com algumas que eu posso me satisfazer financeiramente. Eu iniciei um estágio no hospital veterinário, mas parei, porque não me identifiquei muito com animais de pequeno porte. Eu quero trabalhar com reprodução animal e me especializar na área da Biotecnologia, porque é uma área nova no país e que tem muito a crescer ainda (Entrevistado 7).

Isso demonstra que o curso escolhido e a definição da sua trajetória profissional como médico veterinário, por meio de um olhar sobre as novas áreas em expansão dentro da profissão, possibilita-lhe uma ascensão no campo da sua escolha.

Para outro entrevistado, o trabalho desenvolvido em uma farmácia de manipulação de medicamentos veterinários lhe oferece uma condição diferenciada para enfrentar o mercado de trabalho como médico veterinário, colocando em segundo plano a perspectiva de crescimento profissional, uma vez que o objetivo principal é realizar a faculdade:

[...] Atualmente, trabalho em uma farmácia de manipulação veterinária e estou satisfeita, consigo absorver e aprender muita informação sobre a área veterinária, principalmente sobre alternativas de tratamento e administração de medicamento. Eu não desisti da área agropecuária, apenas estou buscando me aperfeiçoar mais, porque pretendo cursar a faculdade de Medicina Veterinária, assim posso conseguir uma colocação melhor na área de trabalho (Entrevistada 4).

A decisão da escolha profissional é vista por Ordoñez (2015) como de fundamental importância na vida do jovem, para que ele possa se inserir no mercado de trabalho, assim como também atingir a satisfação profissional. Na medida em que o jovem segue um curso superior de acordo com a sua opção vocacional e formação técnica, tende a legitimar o interesse nas áreas de conhecimento do curso e faz com que esse jovem se preocupe em investir em sua carreira.

Considerações finais

A análise do processo de transição do ensino médio para o ensino superior dos egressos do curso Técnico em Agropecuária identificou um direcionamento para áreas diferentes das quais foram formados. O plano político pedagógico do curso Técnico em Agropecuária possui como objetivo a preparação dos alunos para o trabalho, a cidadania, a formação ética, além do pensamento crítico e da autonomia intelectual. Objetiva, ainda, relacionar teoria com prática, priorizando a pesquisa, a capacidade de aprender, criar, formular e resolver problemas, desenvolvendo competências e habilidades na área agropecuária e preparação básica para o trabalho.

A tendência de contratação de mão de obra cada vez mais técnica ou especializada indica, aparentemente, um cenário propício e atrativo para os egressos se inserirem no mercado de trabalho agropecuário e darem continuidade aos estudos dessa área, todavia, esse indicativo não se confirma na amostra pesquisada.



O egresso tem feito uma relação entre a sua formação e a oferta de emprego de forma equivocada, pois deixa em seus depoimentos a aparência de que as oportunidades de emprego dentro da área agropecuária existem somente nas áreas rurais, ou se for em centros urbanos, apenas em agropecuárias. O agronegócio dispõe de um grande leque de possibilidades de trabalho, tanto na área de insumos, como crédito rural, cooperativas de serviço, implementos agrícolas e veterinários, e independe se o trabalho é desenvolvido a campo ou dentro do escritório, pois o empregador necessita de uma pessoa que tenha afinidade com essa área.

Os centros educacionais precisam trabalhar mais amplamente as possibilidades e os campos de trabalho, desenvolvendo e estimulando o empreendedorismo, fortalecendo a região onde está instalado o curso, por meio de seus arranjos produtivos locais, assim como ampliar os horizontes para que os alunos desenvolvam trabalhos em outras regiões.

Apesar de grande parte dos egressos não estarem se inserindo no mercado como Técnico em Agropecuária, a grande maioria está cursando nível superior, o que demonstra que são jovens conscientes da necessidade de uma formação continuada para poder dar conta da demanda de um mercado cada vez mais exigente. Há a necessidade de integrar a formação acadêmica à área de produção, no que diz respeito à matriz curricular e ao perfil de conclusão de curso, alinhando-se às demandas do setor produtivo, com foco no estímulo aos alunos que estão cursando o Técnico em Agropecuária a permanecerem na área.

Referências

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 25-36, maio/dez. 1997.

ALMEIDA, L.; SOARES, A. P.; FERREIRA, J. Questionário da vivência acadêmica (QVA-r): avaliação do ajustamento dos estudantes universitários. **Avaliação Psicológica**, n. 2, p. 81-93, 2002.

BOLETIM TRABALHO NO COMÉRCIO. São Paulo: Dieese, ano 1, n. 3, maio 2009.

CARRANO, P. C. R. Identidades juvenis e a escola. In: CONSTRUÇÃO coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília, DF: Unesco: MEC: RAAAB, 2005. p. 153-163.

CARRANO, P. C. R. Juventude: as identidades são múltiplas. **Juventude, Educação e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 52-72, maio 2000.

B. Téc. Senac, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, p. 54-75, set./dez. 2016.

CIAVATTA, Maria. Os Centros Federais de Educação Tecnológica e o ensino superior: duas lógicas em confronto. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96, p. 911-934, 2006.

CIAVATTA, Maria. **O trabalho como princípio educativo**: uma investigação teórico-metodológica (1930-1960). 1990. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.

DIEESE. **Qualificação profissional e mercado de trabalho**: reflexões e ensaios metodológicos construídos a partir da pesquisa de emprego e desemprego. São Paulo: DIEESE, 2011.

ENGELS, F. **Dialética da natureza**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FERRETTI, C. J. Formação profissional e reforma do ensino técnico: anos 90. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 18, n. 59, p. 225-269, 1997.

FIGUERA, G. P.; RAITZ, T. R.; ORDOÑEZ, L. J. Os sentidos da formação acadêmica e do trabalho para estudantes de mestrados no Brasil e na Espanha. **ETD: educação temática digital**, Campinas, v. 15, n. 3, p. 612-613, out. 2013. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/4017/4611>>. Acesso em: 1 abril 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIOVINAZZO JÚNIOR, C. A. Reflexões sobre a formação da juventude e da adolescência na sociedade moderna. In: COLÓQUIO NACIONAL: DIALÉTICA NEGATIVA, Piracicaba, 2000. **Anais do...**: estética e educação. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2000.

GOERGEN, P. L. A crítica da modernidade e a educação. **Pro-posições**, Campinas, v. 7 n. 2, 1996.

GUERRA, O. F.; BONFIM, M. C. A. do. **Ensino agrícola e a inserção de mulheres e homens no mundo do agronegócio**. Piauí, 2006. Disponível em: <http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt16/GT16_2006_09.PDF>. Acesso em: 1 abr. 2016.

KUENZER, A. Z. **Ensino médio construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2000.

KUENZER, A. Z. **Ensino médio e profissionalizante**: as políticas do Estado neoliberal. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LUKÁCS, G. **O trabalho**. Maceió: UFAL, 1984.

MAFRA, L. A.; CAVALCANTI, E. C. **O ensino médio no Brasil**: da ruptura do privilégio à conquista do direito. Brasília, DF: INEP, 1992.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Cortez, 1998.

NAKANO, M. **Jovens: vida associativa e subjetividade: um estudo dos jovens do Jardim Oratório**. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História e Filosofia da Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

NOVAES, R. Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Revista Sociologia Especial: ciência e vida**, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2004.

ORDOÑEZ, L. J. **Inserción profesional y gestión de la carrera de titulados en Pedagogía**. 2015. Tese (Doutorado) – Programa Educación y Sociedad, Universitat de Barcelona, Barcelona, 2015.

OZELLA, S. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: CONTINI, M.; KOLLER, S.; BARROS, M. (Org.). **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2002. p. 16-24.

PAIS, J. M. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Porto: Âmbar, 2005.

PINHO, A. P. et al. A transição do ensino médio para a universidade: um estudo qualitativo sobre os fatores que influenciam este processo e suas possíveis consequências comportamentais. **Revista de Psicologia**, v. 6, n. 1, p. 33-47, jan./jun., 2015.

RAITZ, T. R. **Jovens, trabalho e educação: rede de significados dos processos identitários na ilha de Santa Catarina**. 2003. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SEMEGHINI, M. I. C. **Trabalho e totalidade na ontologia do ser Social de György Lukács**. 2000. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

SPOSITO, M. P. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 13, 2000.

SPOSITO, M. P. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6. 1997. Número Especial.

SPOSITO, M. P. **A produção de conhecimentos sobre juventude na área de educação no Brasil**. [S.l.: s.n., 2000?]. Disponível em: <http://www.hottopos.com/harvard4/marilia.htm>. Acesso em: 1 abr. 2016.

SPOSITO, M. P. A produção do conhecimento sobre juventude na área da educação. **International Studies on Law and Education**, São Paulo, v. 4, p. 37-55, 2001.

B. Téc. Senac, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, p. 54-75, set./dez. 2016.



SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos, ação coletiva da cidade. **Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 1/2, p. 161-178, nov. 1994.

SPOSITO, M. P. **Sociologia do ensino médio**: crítica ao economicismo na política educacional. São Paulo: Cortez, 2014.

VON ZUBEN, N. A. A relevância da iniciação científica na universidade. **Pro-Posições**, Campinas, v. 6, n. 2, 1995.

